



Quixeramobim – Ceará, ano de mil e oitocentos e vinte e oito, nasceu lá, recebendo os sacramentos, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, que sem fadas, nem duendes, quis ser mais do que vaqueiro.

Lá foi professor primário, ser do comércio, tentou, foi rábula sem prontuário, mas tudo isso abandonou. No Ceará, e em Pernambuco, Sergipe e Itabaiana, pela cruz trocou o trabuco, de nova missão se ufana!

Com longa túnica e cajado, barba longa, palavroso, foi Conselheiro aclamado novo líder religioso! Até que em mil e oitocentos e setenta e seis, cercado, enfrenta fortes momentos, pois de assassínio é acusado!

Itapicuru de Cima é a cidade da Bahia que a sua ação abomina, de audácia e de rebeldia, mas devido à improcedência da severa acusação, reconhece-lhe a inocência e é liberto da prisão!

E o famoso milagreiro vai, de sertão em sertão, missionário e missionero, seguido de multidão! Com a cruz do seu tamanho, convence fiéis e ateus – de todos é o seu rebanho – que é o Mensageiro de Deus!

Por não ser republicano, não pagamento de impostos, ao povo sugere, insano, provocando os seus opositos! Ano de mil e oitocentos e noventa e três, o beato repete os incitamentos e é preso por desacato!

É julgado em Bom Conselho, mas Conselheiro é esperto e ninguém lhe aplica o relho, pois, novamente, é liberto! porque, como se supunha, quando existe religião, ninguém quer ser testemunha de tão grave acusação!

A voz e a Fé são escudos dos quais nasce o desafio de organizar, em Canudos, às margens do velho rio Vaza-Barris, na Bahia, armada comunidade, que cresce, com tal valia, que assusta a sociedade!

Pra destruir o Arraial de Canudos reacionário, ordenou-se, inicial, grande grupo missionário que foi, logo, repellido, vindo, a seguir, contingente policial, destemido, que saiu pela tangente!

Tão feroz é a resistência do grupo de Conselheiro, que afugentou, sem clemência, a tropa em seu apeadeiro. “Deus é tudo!” Basta crer, é o lema dos seus altares, que usa pra se defender da força dos militares.

Ano de mil e oitocentos e noventa e três, soldados de inúmeros regimentos pra Canudos são mandados, sob o comando ostensivo do major Febrônio Brito, que, com ataque ofensivo, acirra mais o conflito!

É que a fúria sertaneja tem tamanha virulência, que causa mais do que inveja, provoca ódio e violência! Com pedras, foices, facões, o bando de revoltosos afugenta expedições, entre cantos religiosos.

Em março do ano seguinte, o Governo Federal tenta rebater o acinte sob o comando geral do, então, Cel. Antônio Moreira César, valente, que parte, como um demônio, contra o beato e sua gente!

Coronel de “linha dura” que ao passar, tudo destrói, mesmo com a sua bravura e seu passado de herói, não alcançou a vitória sobre o Arraial de Canudos, foi morto, na luta inglória, pelos jagunços raçudos!

General Cláudio Amaral Savaget – força briosa – ao lado do General que é João da Silva Barbosa, partem em novo levante, com tropas mais poderosas, que a morte do comandante deixou as hostes chorosas.

Mas os generais de escol que, com os seus comandados, combatem de sol a sol, também foram derrotados! Deixando em paz, as comunas, não reagem aos seus gracejos, para que as suas colunas sobrevivam aos sertanejos.

Se o sertanejo guerreiro “é, antes de tudo, um forte”, o soldado brasileiro desafia a própria morte! Por mais que sangue derrame, se for pelo solo amado, jamais aceita o vexame de ser, sempre, derrotado!

E uma nova expedição foi, então, organizada e mandada pra o sertão, a fim de ser esmagada a rebelde turbulência de Conselheiro e seu povo, que oferecem resistência e não se rendem, de novo!

General Artur Oscar de Andrade Guimarães é que as tropas vai comandar, sem pensar em “marcha-ré”. Desafiada, a soldadesca só pensa, mesmo, em vencer, numa refrega dantesca que faz o sertão tremer!

Perdas, há, de ambos os lados, que o corpo a corpo é sentido, e jagunços e soldados travam combate renhido! Seja ao ameno da brisa que sopra ao amanhecer, ou ante o sol que agoniza, não há “toque de recolher”!

Mas em total abstinência, morre Antônio Conselheiro, que não teve resistência para um jejum traiçoeiro, a vinte e dois de setembro, ano de mil e oitocentos e noventa e sete..., lembro, lendo antigos documentos.

Dois dias, depois, da morte de Conselheiro, os fanáticos, entregues à própria sorte, sofrem ataques traumáticos! Mesmo sem o que dizia ser Mensageiro de Deus, os jagunços da Bahia lutam quais os filisteus!

Combatem, desesperados, até aos instantes finais, mas acabam dizimados pelas tropas federais! A derrota confirmada, o beato foi exumado, sendo a cova liberada, para ser fotografado.

Depois, a golpe de espada, o rebelde de Canudos teve a cabeça cortada e trazida para estudos. Essa luta fratricida, que por vinte anos durou, deixou eterna ferida no sertão que ensangüentou!

Faz cem anos que este fato de fanatismo e ousadia de Conselheiro, o beato, perturbou toda a Bahia. Político-religioso, abalou todo o País, embora, litigioso, teve um desfecho feliz!

Se entre jagunço e soldado morreu até coronel, deve, sempre, ser lembrado, merece mais que um cordel que, se a luta foi renhida entre irmãos, até o final, foi só para ser mantida a Unidade Nacional!

Albertina Moreira Pedro, de Cordel para a Epopeia de Canudos ao Enjejo de Seu Primeiro Centenário, 1997

Na árvore despida, nua, uma folha insinua um grito de vida...

Cyro Armando Catta Preta, Esperança: de Hai-kais ao Sol, 1995

Maria Fumaça um trem que apitando vem saudade que passa...

Delores Pires, Maria Fumaça: idem

Tempo lua cheia o mar regurgita conchas na areia molhada.

Débora Novaes de Castro: idem

Procurando pouso na rua movimentada, borboleta aflita.

Edson Kenji Iura: idem

No quintal do padre pés de guris brotam nus entre as tangerinas.

Estela Bonini: idem

A primeira brisa pegou ainda dormindo o velho salgueiro.

Humberto Del Maestro, idem

Capela em ruínas. As aranhas tecem véus cobrindo o silêncio.

José Neres Reis: de Hai-kais ao Sol, 1995

O vento rouba, de surpresa, abraço do sóbrio coqueiro.

Leonardo Cezário dos Santos: idem

Palmeiras imperiais em linhas paralelas contam a história.

Maria Aparecida de Arruda: idem

Do caramanchão, pende verde cacho de uva. O garoto espera...

Maria Reginato Labruciano: idem

Grinalda no muro no dia do casamento buganvilla branca.

Neide Rocha Portugal: idem

Enfim liberta dos grillhões das patas voa a taturana!

Suely Moraes: idem

Súbito aguaceiro formigueiro se dispersa – jornal na cabeça.

Teruko Oda: idem

No dorso das águas, pica, repica, repique de prata... Chove!...

Pe. Francisco Viana Pires

Luzindo, luz indo e vindo quando há paz.

Apaziguando. A paz é quando encontramos a nós.

Nós desatados, almas livres para escolher.

Walmir Cedotti: de Eco Lógico, 1990

Cruza un arroyo inocente sobre un campo de esmeralda, y á su orilla crece un sauce reflejándose en sus aguas.

En sus transparentes ondas, serenas, limpias y mansas, varios descuidados cisnes sus blanco plumaje, bañan.

Los pintados pajarillos, saltando de rama en rama, enamorados y alegres, con sus dulces trinos cantan.

Y las flores caprichosas, que crecen entre la grama, quel manto de verdura entapizan y engalanan.

Y las perfumadas brisas, al cruzar en ténue calma, rozan leve y suavemente, agua, cisnes, flor y grama.

Pálido un rayo del sol, que se quiebra entre las ramas, va á reflejar moribundo en las cristalinas aguas.

Del verde sauce á la sombra un pobre viejo descansa, pura la mirada y limpia, serena, aunque triste el alma;

a sus trémulas rodillas alegre una niña salta, por que sus sonrosados dedos entre sus canas enlaza.

El las huellas de la vida muestra en su faz arrugada, y ella refleja en su frente la pureza y la esperanza.

De la sien del viejo penden escasas hebras de plata, pues deja tan poco el mundo que hasta deja pocas canas.

Y ella los sedosos rizos, flotantes sobre la espalda, por la brisa acariciados no suelta, sinó derrama.

El es la verdad del fin, es la realidad ingrata; y ella es la ilusion risueña que dá vida á la esperanza.

El es el árido invierno con su nieve y sus escarchas, es desierto, soledad, repulsion, tenieblas, nada.

Y en la senda de la niña, la primavera derrama, todas sus galas floridas con generosa abundancia.

El es la noche sombría, ella la aurora galana, ella viene, y él se vá libre de congoja el alma.

Ella en su inquieta inocencia jugueteando con las canas –Porqué motivo, le dice, tienes la cabeza blanca?

Fija en la niña el anciano pura y serena mirada, sus secos lábios contrae lijera sonrisa amarga.

–“No sabes, niña inocente, no sabes niña adorada, que la vida se parece a la antorcha que se apaga?”

Seductoras ilusiones nuestra juventud engañan y al retirarse fugaces el tinte del pelo cambian.

Vienen muchos desencantos, muere ó se vá la esperanza; que la esperanza de ayer es desencanto mañana.

Y solo nos deja el mundo al terminar la jornada, i al espíritu congojas pero no á los ojos lágrimas,

solo deja el desengaño y tristezas en el alma, las arrugas en el rostro y en la cabeza las canas!!”

Oyó la niña el sermón sin entender ni palabra, pues la vida tiene aún areanos que ella no alcanza.

Se fué á arrojar juguetona piedrecillas en el agua, los cisnes tienden el vuelo y el viejo vuelve a su casa;

las flores siguen creciendo, las aguas siguen su marcha, sigue el sauce dando sombra, sigue el pájaro en sus ramas,

sigue la brisa apasible y al verde folhaje arranca esa tímida armonía que solo percibe el alma.

Mas yo he seguido hasta aquí, y es tiempo de decir basta, porque las penas son mias y soy dueño de ocultarlas.

Yo soy esse pobre viejo lleno de arrugas y canas y es la niña juguetona, la lectora desta fábula.

Guarde ella sus ilusiones, yo mis tristezas amargas, ella sus blóndos cabellos y yo mis escasas canas.

Que ya fugaron veloces las ilusiones del alma; pues ayer compré un billete y no me he sacado nada.

José Hernández, El Viejo y la Niña: em Martin Fierro, 1966

Em eleição faço a ficha dos que voltam a se eleger são caudas de lagartixa estão sempre a renascer.

E renascem, sim senhor, hoje, sempre, a vida inteira enquanto houver eleitor fazendo vez de parteira.

Roza de Oliveira e Aldo Silva Junior: de Retrucando Minhas Trovas de Humor, 1993

Orfanato crianças brincando risos pulam o muro.

Maria Reginato Labruciano: de Onde Meu Sonho Acontece, 1993

A terra rachada reclama águas e lama, toda ressecada.

Maurício Fernandes Leonardo: de Haicai – “Declaração de Amor á Natureza”

Que importa se é de ouro ou madeira a porta por onde passam o garimpeiro e o lenhador, se o que sentem ambos é não saberem aonde vão?

Nilton Maciel, Passagem: de Navegador, 1996

Como num espelho refletem-se minhas alegrias e carências... Busco num sorriso o meu gesto

de carícia e a alegria me sublinha nas feições a ira e a revolta nas lágrimas de emoção no olhar, o encantamento no gargalhar a explosão de felicidade ou talvez... de uma grande ironia.

Marli José Rodrigues de Sá, Meu Rostro: de II Coletânea Komedii, 1998

Yo nunca tuve otra escuela que una vida desgraciada; no estrañen si en la jugada alguna vez me equivoco, pues debe saber muy poco aquel que no aprendió nada.

Hay hombres que de su cencia tienen la cabeza llena; hay sabios de todas menas, mas digo, sin ser muy ducho: es mejor que aprender mucho el aprender cosas buenas.

José Hernández (1834/1886), de Martin Fierro, Ediciones Colihue, 1991

KIDAI'S DE PRIMAVERA

Um grito confunde a derrubada das árvores... foi só uma araponga... Alba Christina	Príncipe regente. As margens do Ipiranga; Sete de Setembro! Flávio Henrique Velasco	Uma aragem fresca. Um jacarandá em flor. Um tapete roxo. Maria Regina Labruciano
Parece um brinquedo, este gatinho angorá, rolando no chão. Albertina C. G. dos Santos	Chegando... chegando... É chuva de primavera. Flores vão nascer. Haroldo R. Castro	Acesas qual lâmpadas reluzem de ouro as rubes do ipê no campo... Mariemy Tokumu
Canários cantam pensando ser libertos clientes na loja. Carlos R. Barbosa de Jesus	Mia o gatinho, a mãe se aproxima. É hora de mamar. Hélvico Durso	Sete de Setembro. Meninada de uniforme. Garbo, passo certo. Olga Amorim
Distante na serra o jacarandá em flor festa das abelhas. Cecy Tupinambá Ulihôa	Descobre o gatinho o alvo novo de lâ. Sala emaranhada. Hermoclydes S. Franco	Farfalhando ao vento a lanjeira florida benziz gravidez! Oliira Alvarenga
Num poste a araponga um ferreiro na oficina. Sesta interrompida... Darly O. Barros	Estação do riso. Olho os laranjais floridos, abelhas e pólen. Humberto Del Maestro	Gatinho mimoso vai desmanchando nas unhas novo de lâ. Renata Paccola
A fúria do vento anuncia a tempestade. Gatinho assustado. Djalda Winter Santos	Canta o bem-te-vi e o galo escuta em silêncio, prestando atenção. João Batista Serra	Umbigo à mostra, balzaquina faceira: calor urbano. Sergio de Jesus Luizato
O gatinho rola e desenoleta e se aquece nos fios de lâ! Edel Costa	Parece estar triste o jacarandá em flor, mas só parece... Leonardo Cezário dos Santos	Retreta na praça extasia casal idoso com moda vernal. Sílvia Sam
Floresce a esperança nas flores da gotabeira: corteza de frutos! Edmar Japissai Maia	Vento redemoinha ninho entre folhas douradas. Espaço vazio. Leonilda Hilgenberg Justus	Flor de laranjeira exalando o seu perfume pelo campo à fora. Sueli Teixeira
Dentes no canote – carinho conduz gatinho – quando frágil filhote! Fernando L. de A. Soares	Retumbam tambores compassados passos marcham Sete de Setembro. Luis Koshitiro Tokutate	Vibrando até o fim imanta-se ao crepúsculo – canto da araponga! Teruko Oda
Um terno canário, num palco ouso nos galhos... astro solitário. Fernando Vasconcelos	Mendigo perfila-se à passagem da bandeira. Sete de setembro... Maria de Jesus B. de Mello	Galharia seca. O sol da tarde castiga o ninho vazio. Thereza Costa Val



Kigos para os três haicais a serem entregues

até o dia 10.10.98:
Buganvília, Dia da Amazônia, Rã.
Até o dia 10.11.98:
Chorão, Dia do Mar, Potrilho.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra da sação. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. * Entregá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.
2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

O homem não está acima dos demais seres da natureza – é igual – no haikai. (*Masaoka Shiki, 1867/1902*)
Haikai: anotação poética de um momento de elite. (Guilherme de *Andrade* e Almeida, 1890/1969)
Haikai é fagulha do instante, captada à fugacidade do “agora” e feita eterna, sob o olhar do poeta. (Débora Novaes de Castro)

MARINHEIROS DE PRIMEIRO POEMA

Francisco Handa; Notícias do Japão 5 a 11.06.98

Não se pode ensinar alguém a compor haikai. Nem pretendemos. Entretanto, podemos trocar informações e experiências no que se refere ao haikai. Assim, os trabalhos enviados podem se tornar mais uniformes quanto à adoção de determinadas técnicas de composição. Tomando como meta esta proposta, esclarecemos que o tipo de haikai visado é tradicional, o praticado por Bashô, Shiki e Takahama.

Quem não sabe o que é o haikai e começa a compô-lo leva em consideração alguns traços do poema. Percebe

que deve compor um poema curto, ou seja, um terceto. Ademais, haikai não é apenas um simples terceto. Não se pode, por exemplo, fazer haikai pensando fazer trova e assim por diante. Cada tipo de poema, levando-se em consideração a sua estrutura, tem a sua peculiaridade. O que pode ser considerado um haikai ruim? Um deles: é o poema do tipo conceitual. Ao invés disto, o haikai deve caminhar pelo lado singular, percebendo a natureza e relacionando-se com ela. O conceitual é

aquele que coloca o homem no centro do universo e faz julgamento de valores, promove discursos, elabora frases bombásticas, discute filosofia. Pode ser muito atraente, mas não é haikai. O tipo conceitual, que devemos evitar é o do discurso empolgado, como aquele que diz que “o amor é belo”, “Deus é bom”, “a justiça é infalível” ou que “a miséria é indigna”. Todos estes valores podem constar do haikai mas não de maneira explícita. Nesse sentido, o haikai mais esconde do que revela, às vezes sugere, dá pistas.

HAICAI OU TERCETO?

Teruko Oda; Jornal AEI 119, 06.98

Recebo, com certa frequência, boa quantidade de haicais para análise. O que mais chama a minha atenção é que, geralmente, os poemas seguem duas tendências antagônicas.

Em alguns, os versos recheados de adjetivos, são sequências de explicações poéticas – onde faltam sutileza e leveza – características de um bom haikai, segundo Bashô.

Em outros, são enumerações de imagens. O que deveria ser um registro poético apresenta-se como um texto quase jornalístico. Noto, entretanto, por trás desses extremos, uma preocupação comum – a

busca da brevidade através do emprego de frases ou imagens de grande efeito poético; talvez movidos pela concepção de que “haikai é poesia condensada.”

Na minha opinião haikai é breve sugestão poética estruturada no equilíbrio entre o suficiente e o necessário, tanto na utilização de palavras como de imagens. Outro fato observado refere-se ao *kigo* – palavra de estação – geralmente incluído no texto como referência ocasional.

Entendo que, se haikai é poema em louvor à natureza, esta, representada pelo kigo, deve ser a fonte de inspiração do poeta. E como tal a poesia

contida no verso deve estar vinculada ao kigo, assim como o fruto mantém o vínculo com a árvore que o produziu, mesmo após a colheita.

De conformidade com esse raciocínio, diria que a diferença fundamental entre haikai e terceto reside na forma de apresentação do discurso poético, isto é, a leitura que se faz da natureza através (ou a partir) do kigo.

Herdeiros e aprendizes que somos, da arte e das lições de amor à natureza, deixadas por Bashô e seus discípulos, com todo o respeito às opiniões pessoais de cada haicaista, penso que devemos manter no poema o espírito do haikai preconizado pelo grande mestre.

MARTÍN FIERRO É BRASILEIRO

Paulo Cesar Gutierrez Guggiana: de Corpo e Alma – Antologia, 1996

Minha primeira convivência com o personagem “Martín Fierro” e com o consagrado livro de José Hernández foi, início, algo próximo do exótico e, mais tarde, algo íntimo e integrante de minhas circunstâncias. Meu primeiro exemplar, recebi-o em Uruguiana, cidade que faz fronteira com a Argentina, apresentado por minha mãe, e tinha esculpido em couro a figura mística do gaúcho pampeano. Na Argentina o artesanato relativo à obra “Martín Fierro” é riquíssimo: quadros, “pósteres”, gravações em pano, figuras talhadas em madeira, chaveiros,

cinzeiros e muitas outras quiquilharias. José Hernández foi, sem dúvida, um precursor das idéias de união latino-americana; guardo comigo um “Martín Fierro” gravado em metal, presente de parentes, com a seguinte inscrição: “Los hermanos sean unidos / porque esa es la ley primera, / tengán union verdadera / en cualquier tiempo que sea, / porque si entre ellos pelean / los devoraran los de ajera.” Os personagens do poema pareciam duendes vivos a recitar longas estrofes. O trovador “El Moreno”, Martín Fierro a protestar, o velho Vizcacha a dar conselhos. Adulto, passei a ver outros

aspectos do poema: li ensaios publicados em Nova Iorque, pesquisas que evidenciavam conteúdos de direito penal e outras que enfatizavam a profunda abordagem de problemas sociais dos trabalhadores rurais. A vida me guardava uma grata surpresa, fui transferido pela repartição onde trabalho para Sant’Ana do Livramento, cidade onde foi iniciado e gestado o célebre poema. Fundei, com outros escritores, o Centro Cultural José Hernández e passamos a estudar e divulgar a obra que nasceu brasileira, numa antiga casa da Rua Rivadavia Correa.

Quando passo pelo itinerário da praça General Osório, ouço dizer que sob os galhos centenários de vetustas árvores foram escritos muitos versos do “Martín Fierro”. Na alma popular confundem-se autor e obra, o personagem Martín Fierro é muito mais

lembrado do que seu autor, exilado político em nossa fronteira. Atribui-se a Martín Fierro adágios e ditos gauchescos, Martín Fierro é um símbolo vivo que transita no pampa. O poema teve versão para o hebreu, para o idioma húngaro; foi traduzido para

diversos outros idiomas: grego, árabe e russo.

A destacar, também, uma versão chinesa, analisada por Arturo Berenguer Carisomo, na revista literária argentina “Presencias”, dirigida por Perpétua Flores. E fica a mensagem contida no poema: “Mas nadie se crea ofendido, / pues a ninguno incomodo; / y si canto de este modo / por encontrarlo oportuno, / no es para mal de ninguno / sino para bien de todos.” Um fator de unidade e de inspiração, em tempos de Mercosul.

IPÊS EM FOLHA

Sob o viaduto, brilha a pequena fogueira. Um vulto agachado. Maria Regina Labruciano	Fio de esperança no Dia dos Namorados um telefonema. Neide Rocha Portugal	Sol acaricia menino louro no parque morangos na face. Neide Rocha Portugal
Fogueira crepita. Dos sonhos da mocidade, lembranças queimando. Humberto Del Maestro	Meninos junthons contam mentiras noturnas ao pé da fogueira. Sergio de Jesus Luizato	Em sol esmeralda um garimpo de flores! – Campo de Morangos! Maria Madalena Ferreira
Fogueira crepita. Fagulhas se unem a estrelas. Palco iluminado! Leonilda Hilgenberg Justus	Na fogueira acesa crepitam doces lembranças da aldeia distante!... Maria Madalena Ferreira	Em volta à fogueira vão contando aventuras... Noite de escoteiros... Maximiliano U. Moncam
Sobrou nos galhos. O Dia dos Namorados, na fala dos pombos. Fernando Vasconcelos	Sobre alta fogueira, esgrimam no espaço frio espadas de fogo. José N. Reis	Vovô no fogão, mexe doce de morango. Netinhos à mesa! Leonilda Hilgenberg Justus
Morangos maduros salpicam de tons vermelhos a folhagem verde. Santos Teodósto	Colibri amante, no Dia dos Namorados, beija a sua rosa!... Santos Teodósto	Velhinhos passeiam no Dia dos Namorados como antigamente... Ercy M. M. de Faria
Dia dos Namorados. Uma lágrima que cai na espera em vão... Mariemy T.	No jardim, morangos: a criança pensou serem corações nascendo!... Leda Mendes Jorge	Na noite sem luz, as centelhas da fogueira assustam o frio. Renata Paccola
Uma jovem leva no dia dos namorados rosas a um jazigo. Leda Mendes Jorge	Troca de presentes, no Dia dos Namorados: – De beijos por beijos... Hermoclydes S. Franco	Casais de mãos dadas: é dia dos namorados. Ternura no ar... Djalda Winter Santos
Lenha na fogueira enquanto o sono vem: conversa estúpida... Sergio de Jesus Luizato	No frio de junho, um casal, junto à fogueira, trocando calores!... Hermoclydes S. Franco	É doze de junho! Sem cartão, nem remetente, rosas encarnadas... Darly O. Barros
Coração sozinho no dia dos namorados esperando alguém... Alba Christina	Madrugada fria! Na fogueira, um caldeirão e a miséria em fila... Darly O. Barros	Árvore abatida, ardendo numa fogueira deixa apenas cinzas. Santos Teodósto
Recreio do colégio beijo escondido no pátio. Dia dos namorados. Sergio de Jesus Luizato	Batalha nos olhos: sobre o bolo <i>chantilly</i> único morango... Luis Koshitiro Tokutate	Árvores cremadas erguem aos céus labaredas chorando em fogueiras. Ana Cecilia Ferri Soares

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: → → → → →
O trevo guilhermano rima os versos de 5 sílabas e, o do meio, a 2ª (não necessariamente, facilitemos!) com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai**, poesia pura, é sempre “**aqui e agora**” – **não conceitual**.
O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou **trevo haikai senryu (não filosófico)**,
trevo **haikai sazonal** – contém palavra da sação (kigo) e, finalmente,
trevo **haikai** subentendido.

Simbolizamos o trevo haikai de sação pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

Trevo senryu:

A vida se eleva e brilha e se apaga como fogos de artifício... MFM

Tanto ele mentiu que os amigos o chamavam Primeiro de Abril. MFM

Trevo haikai senryu

ou **trevo haikai** personagem:

Um murro no queixo e o boxeador cai de bruços. Fogos de artifício... MFM

Mentira contada, rosto assustado da avó. Riso de criança. Maria Renata

Trevo haikai sazonal:

Aqui, claramente, kigos vivenciais de inverno e de outono (Dia da Mentira):

Buquês multicores irrompem entre estrelas: fogos de artifício! Suley Moraes

Primeiro de Abril. Até o tempo hoje mentiu. Retorno encharcado. José Reis

Trevo haikai subentendido:

Derradeiros raios sobre a paleta azulada. Nuvens mantidas. MFM

O pôr do Sol deste haikai não define a sação – embora fale da natureza; não se o confunde com um kigo: compare-o com o haikai da Teruko (kigo referente à fauna, araponga).